

Traduzir o Brasil literário: história e crítica, de Marie-Hélène Catherine Torres

Traduzir o Brasil literário: história e crítica, by Marie-Hélène Catherine Torres

Karine Simoni¹

Paulo Henrique Pappen²

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*. V. 2. Supervisão de tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa; Tradução de Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes e Aída Carla Rangel de Souza. Tubarão: Copiart. Florianópolis: PGET/UFSC, 2014. 397 pg.

¹ Pós-graduanda em Estudos da Tradução/PGET pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: kasimoni@gmail.com.

² Mestrando em Estudos da Tradução/PGET pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Em artigo publicado em 2006, Marco Lucchesi define a tradução como “a arte de naufragar com dignidade e nobreza - e sobreviver ao mar profundo, aos sabores e dissabores corsários”, de modo que “de sua navegação depende boa parte dos ventos do processo cultural, dos que promovem passagens, diálogos e tesouros, que antes haviam de estar irremediavelmente perdidos” (2006: 207). *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*, escrito por Marie-Hélène Catherine Torres, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, e publicado em 2014, retrata experiências do encontro entre línguas e culturas, capaz de gerar as passagens, diálogos e tesouros dos quais nos fala Lucchesi.

Traduzido do francês ao português por Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes e Aída Carla Rangel de Souza (supervisora da tradução: Germana Henriques Pereira), o exaustivo trabalho de Marie-Hélène segue a vereda conceitual de *Traduzir o Brasil literário: paratextos e discursos de acompanhamento*, publicado em 2011, no qual se analisou as informações presentes nas capas internas e externas das traduções francesas de romances brasileiros de autores como José de Alencar, Machado de Assis e Guimarães Rosa, bem como se estudou a ocorrência e o papel dos paratextos nessas narrativas, a fim de se verificar se “os textos traduzidos apresentam-se ou são percebidos na cultura de chegada como sendo a tradução (...) de romances, que lhe são logicamente anteriores” (2014: 18).

Em *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*, a autora alarga o tema do primeiro volume ao estabelecer o objetivo de “descrever e analisar as impressões culturais da literatura brasileira traduzida para o francês no sistema literário e cultural francês” (2014: 10), não apenas para encontrar respostas para os modelos e estratégias que nortearam as traduções de romancistas brasileiros na França, como também para compreender “os mecanismos complexos do funcionamento dos sistemas culturais e interculturais” (2014: 13). Com efeito, tanto pelos teóricos utilizados - Lambert, Hermans, Venuti, Toury e Casanova, para citar alguns -, como pela metodologia empregada, pode-se inferir que a decisão de ampliar a possibilidade de análise mostra a preocupação em conceber o fenômeno

das traduções no tempo a partir de um panorama sistêmico e dinâmico, no qual se entrelaçam inevitavelmente valores políticos, culturais e literários.

Dentre as questões que Marie-Hélène procura responder com seu estudo, destaca-se a seguinte: “por que a literatura brasileira, independente e autônoma, não é amplamente traduzida?” (2014: 11), e a partir disso as hipóteses são construídas. Tal pergunta advém de um desconforto com relação ao estatuto e à posição “menores” que a literatura brasileira tem se comparada com culturas literárias hegemônicas, especialmente a francesa. Efetivamente: essa discussão é substancial para a análise da própria natureza dos estudos da tradução e tem reverberado na crítica, nas teorias e na historiografia da tradução, como bem mostram os posicionamentos da autora diante dos modelos teóricos escolhidos, como os estudos descritivos de Toury e Lambert, além da tradução antropofágica de Haroldo de Campos e de Oswald de Andrade. Essas perspectivas ajudam a problematizar o fato de que, no Brasil, a tradição literária reconhece e reverencia a tradição literária francesa, enquanto na França o Brasil literário permanece praticamente desconhecido, o que não deixa de ser curioso, uma vez que “[a] França é (...) pioneira em matéria de traduções brasileiras com relação à Inglaterra, países que representam as duas línguas/culturas que dominavam o espaço literário internacional no século XIX” (TORRES 2014: 18).

Com uma criteriosa pesquisa em arquivos franceses e brasileiros, e utilizando, além das obras, também bibliotecas e sites, em quatro capítulos a autora reconstitui a trajetória dos romances urbanos e regionalistas brasileiros traduzidos e publicados na França a partir de 1896, ano que assinala a primeira tradução para o francês de um romance brasileiro (*Inocência*, de Visconde de Taunay), até a literatura popular e *best-sellers*, com as traduções de Jorge Amado e Paulo Coelho na década de 1990.

No primeiro capítulo, “Literatura brasileira: historiografia e cânone”, Marie-Hélène revisa contribuições teóricas acerca da história e da constituição da literatura brasileira, mostrando a corrente regionalista e a corrente urbana que

caracterizam essa literatura. Como não se pode falar de literatura nem de tradução sem falar em língua, a autora busca identificar como se comportam linguisticamente os escritores brasileiros, e conclui que eles “(...) criaram uma nova língua no seio da língua portuguesa”, o que reflete e reforça a própria língua falada no Brasil, que “(...) afastou-se da língua matriz desde o início da colonização” (2014: 51). Essa discussão serve para analisar em que medida as traduções francesas manifestam, ou não, as características da língua brasileira - essa “língua portuguesa bastarda” (TORRES 2014: 131).

O capítulo 2, “O romance urbano”, apresenta e discute aspectos das traduções francesas de *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e, sem a pretensão de esgotar as possibilidades de análise, mostra algumas tendências dos tradutores que optaram, por exemplo, pela naturalização dos nomes, por explicações de trechos nos quais o autor elegeu a ambiguidade e pela dissolução dos registros de linguagem, estratégias estas que contribuíram para que o estrangeiro fosse minimizado ou até mesmo anulado. Marie-Hélène também compara diferentes estratégias dos tradutores ao traduzirem vocábulos e expressões que indicam elementos culturais desconhecidos e/ou exóticos à cultura francesa, como a criação de neologismos e o uso de itálico e notas explicativas para casos de vocábulos ou expressões que supostamente pudessem comprometer o entendimento do texto por parte dos leitores franceses. É o caso do trecho “Fez-se cor de pitanga”, traduzida por “Elle devint rouge comme une pitangue”, à qual se acrescenta a nota “Nous dirions: ‘comme une pivoine’” (2014: 80-81). Conclui-se então que “os tradutores tentam, geralmente, encontrar um caminho optando simultaneamente por uma naturalização ou por uma exotização de sua tradução” (TORRES 2014: 90), e que “o grau de antropofagia dos tradutores é mais etnocêntrico que aberto à outra cultura, o *outro* brasileiro”. (TORRES 2014: 113)

O capítulo 3, “Resistência à inovação da língua nos romances regionalistas”, trata inicialmente dos romances indianistas, de modo particular do *Guarani* e de *Iracema*, de José de Alencar. Merece destaque, além do amplo uso de exemplos

para mostrar como esses romances foram traduzidos e publicados na França, a intrínseca relação entre a análise literária e mesmo linguística das obras estudadas, necessárias para ajudar a compreender a inserção das obras no sistema literário francês e as escolhas dos tradutores. Marie-Hélène destaca que as traduções dos romances indianistas apresentam estratégias como supressões e ou junções de parágrafos, que na visão da autora podem ser vistas como traduções/adaptações. É o caso, por exemplo, da supressão de trechos que aludem ao contato físico e amoroso entre Iracema e Martin, censurados por um dos tradutores (TORRES 2014: 159-161). A conclusão a respeito das traduções dos romances indianistas é muito semelhante às observadas nas traduções dos romances urbanos:

(...) o grau de antropofagia dos tradutores concerne particularmente tudo aquilo que concerne à especificidade brasileira: história, língua, fauna, flora. E, de uma certa maneira, os tradutores tendem a neutralizar a essência brasileira, aquilo que seria muito brasileiro, reduzindo a estranheza no texto em francês. (TORRES 2014: 142)

Já em relação à tradução de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, também analisado, a principal observação da autora diz respeito à antropofagia inovadora dos tradutores que fazem largo uso de palavras brasileiras na tradução. A consequente utilização de notas explicativas e glossários acabaram por tornar o texto exotizado em excesso e de difícil leitura.

Vale notar também que Marie-Hélène (2014: 191) observa diferenças entre o registro linguístico de Euclides da Cunha e o registro dos tradutores, e conclui: “não há uma homogeneidade de registro nos diálogos do sertanejo traduzido para o francês, por vezes muito orais (...), por vezes muito literais ou escritos”. A última parte do capítulo 3 é dedicada ao estudo das traduções de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, para o francês. Descobrir como os dois tradutores da obra lidam com a oralidade, com o discurso erudito, com os neologismos, com as expressões particulares, com os elementos da cultura do sertanejo e com o ritmo do romance é o objetivo da autora, que após mostrar dezenas de exemplos chega à seguinte conclusão: “(...) os tradutores não criam necessariamente onde o autor

brasileiro criou ou inventou. Eles o fazem, nos parece, por intuição, onde convém melhor, talvez levando em conta leitores franceses” (2014: 223), e “As traduções francesas de Grande Sertão: Veredas não são o que Haroldo de Campos chama de traduções “transcriativas”. A audácia criativa dos tradutores é freada pelos limites impostos pela língua francesa (...)” (2014: 243).

Por fim, o capítulo 4, “As traduções-termômetro”, focaliza textos considerados *best-sellers* ou de literatura popular, como as obras de Jorge Amado e Paulo Coelho. O interesse pelo estudo desses textos adveio da constatação de que Jorge Amado foi “o escritor brasileiro mais traduzido, retraduzido e reeditado em francês” (2014: 248), talvez por ele ter se tornado conhecido na França após viver exilado naquele país entre 1949 e 1965. Fazendo uso das considerações de Venuti sobre a tradução de *best-sellers*, Marie-Hélène explica de forma clara e exaustiva como se deu a inserção desses textos na cultura francesa, explorando temas como o interesse comercial/lucrativo da editoria, a invisibilidade do tradutor e a transparência da tradução, as diferenças entre a forma de inserir/apresentar as traduções de obras consagradas pela crítica brasileira e a tradução das obras da chamada literatura popular e de *best-seller*. Uma das conclusões mais importantes está no fato de que, enquanto as traduções de José de Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa são geralmente acompanhadas de prefácios, notas e glossários, a literatura de Jorge Amado e os *best-sellers* de Paulo Coelho não apresentam qualquer texto de acompanhamento, uma vez que, provavelmente, as obras canônicas são reservadas a um público mais restrito e, portanto, mais exigente e atento.

Os quatro capítulos permitem compreender como alguns romances brasileiros foram recebidos na França, servindo assim para alimentar a trama de interdependência cultural entre os dois países envolvidos. Nota-se nessa monumental pesquisa, além da realização plena do objetivo estabelecido, a correlação entre a análise literária propriamente dita, a teoria da literatura e da tradução. Resta dizer que aos quatro capítulos de análise são acrescentados um prefácio, as considerações finais em forma de ensaio intitulado “O Brasil no mapa

mundial das literaturas”, a vasta bibliografia usada na pesquisa e um anexo, dividido em quatro partes: na primeira tem-se acesso aos quase 200 títulos das traduções de romances brasileiros em francês no século XX; na segunda parte estão compilados, em ordem alfabética, os nomes dos autores e autoras brasileiros/as cujas obras foram traduzidas para o francês; na terceira consta o perfil dos/as tradutores/as com informações a respeito das atividades que desempenham e das obras que traduziram; por fim, a quarta parte apresenta duas tabelas comparativas: a primeira mostra as notas dos tradutores em *Os sertões*, enquanto a segunda oferece uma comparação entre os títulos de capítulos da trilogia de Machado de Assis.

Embora seja uma obra densa em relação ao volume de informações e à riqueza das análises, o texto é de fácil leitura e é altamente recomendável a todos/as os/as que estão trilhando os caminhos dos estudos da tradução, e ainda aos/às que se interessam pelos estudos literários. Assiste-se hoje a um crescimento considerável de pesquisas no campo dos estudos da tradução no Brasil, em especial sobre o tema da recepção das obras estrangeiras no país e vice-versa. Nesse sentido, a pesquisa de Marie-Hélène contribui para somar um importante registro da história da tradução, sim, mas, sobretudo, propõe uma forma de olhar para a influência que um dado sistema literário tem em outra cultura.

Referências bibliográficas

- LUCCHESI, Marco. *A memória de Ulisses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*. Volume 2. Supervisão de tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa; Tradução de Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes e Aída Carla Rangel de Souza. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

SIMONI, K.; PAPPEN, P. H. — *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*, de Marie-Hélène Catherine Torres

_____. *Traduzir o Brasil literário. Paratextos e discurso de acompanhamento*.
Volume 1. Tradução de Marlova Aseff e Eleonora Castelli. Tubarão:
Copiart, 2011.

Data de submissão: 16/08/2016

Data de aprovação: 12/11/2016